

Inter-relações entre identidades culturais e mídias na construção da cidadania

Franciele Zarpelon Corrêa *

Resumo

Este artigo tem a preocupação de relativizar algumas reflexões que contemplem o estudo para o uso adequado das mídias como proposta à efetivação da tão aclamada cidadania que ocupa, muitas vezes, apenas um palco representativo. Para que isso seja possível, serão relacionadas nesse processo as diversas identidades culturais, como fator desencadeante de articulação, com grande importância na configuração contemporânea. Além disso, visa a problematizar contextos políticos e econômicos em que a socialização da informação midiática é dinamizada e as novas alternativas de democratização da comunicação. Nessa perspectiva, busca-se por intermédio das inter-relações referidas contrapor elementos que impulsionem a construção da cidadania, com outros elementos que dificultem o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Cidadania. Globalização. Identidades culturais. Mídias. Sujeitos.

1 INTRODUÇÃO

Faz-se sempre relevante estreitar alguns laços entre a responsabilidade social da comunicação e as possibilidades que esse processo implica. Pensar em cidadania significa ultrapassar alguns limites por meio da socialização, como sugere o título do livro de Ilse Sherer-Warren, sustentando uma posição de cidadania sem

* Graduada em Comunicação Social (Habilitação em Rádio e TV) pela Universidade do Oeste de Santa Catarina *Campus* de Joaçaba; SC; zcfranci@yahoo.com.br

fronteiras, onde as “Ações coletivas na era da globalização” seriam o suporte para tal configuração.

Como se percebe, é por meio da socialização, muitas vezes fruto da presença e facilidade, que as diversas mídias proporcionam meios de se relacionar com o outro, a fim de constituir a própria identidade. “Os meios de comunicação social [...] fornecem a matéria-prima a partir da qual as identidades subjetivas, um sentido de eu e dos outros, são, em parte, construídas.” (CURRAN; SEATON; FERNANDES, 2001, p. 421).

Torna-se intrinsecamente necessário perceber e pensar estratégias que mobilizem a sociedade, na perspectiva de uma conexão entre o local e o global, dentro de um quadro comunicacional estabelecido por redes societárias. Warren (1999, p. 13) salienta que o andamento desse processo, “Realiza-se mediante o encontro de culturas locais e identidades específicas, traduzíveis em representações simbólicas de alcance mais global. Atores de movimentos sociais transnacionais e ONGs são mediadores relevantes nesse processo.”

Mediante essa consideração, concebem-se, como de fundamental importância, iniciativas que estejam engajadas em um comprometimento maior dos indivíduos com os fatores que circundam a vida contemporânea e da coletividade. Destacam-se, nesse contexto e proposta de construção cidadã, os sujeitos coletivos:

Esses sujeitos coletivos são os que perpetuam a memória histórica de processos civilizatórios emancipadores, que constroem a indignação diante da reatualização de problemas antigos e das reconfigurações das misérias humanas e que sonham com a possibilidade de contribuir para a produção de uma sociedade mais justa e feliz. (WARREN, 1999, p. 11).

Ainda, agora de acordo com a percepção de Cortina (2005), a cidadania estaria proposta em uma concepção de status legal e moral, um pensamento de direitos e responsabilidades, além de ser uma questão vinculada à identidade e sua relação ou necessidade de pertença a uma sociedade. A partir desse posicionamento, fica evidente a necessidade que o sujeito tem de ser reconhecido e, assim, enaltecer um princípio igualitário que confere à dignidade humana. Dessa maneira, a identidade fomentaria uma “Expressão daquilo que dá sentido e valor à vida do indivíduo.” (BARBERO, 2006, p. 65).

Mediante as identidades plurais que compõem a diversidade cultural de um povo e de seu tempo, a globalização constitui fator desencadeante nessas inter-relações, possibilitadas e facilitadas pelos meios de comunicação e informação. Dessa forma, a digitalização, por sua vez, abre possibilidades na configuração de um novo espaço público e de cidadania, por meio de um maior envolvimento dos diversos atores¹ dispersos em diferentes espacialidades, que se unem em prol de comprometimentos sociais.

É óbvio que se trata de embriões de uma nova cidadania e de um novo espaço público, configurados por uma enorme pluralidade de atores e de leituras críticas que convergem para um compromisso emancipador e uma cultura política na qual a resistência é ao mesmo tempo formadora de alternativas. (BARRERO, 2006, p. 53).

Nessa conjuntura, há uma maior aproximação e legitimação, a partir do envolvimento entre grupos que emergem de redes societárias, também estabelecidas em uma relação de virtualidade, onde espaço e temporalidade distintos não prejudicam o desenvolvimento de atividades e ações concernentes ao bem comum. Aliás, trata-se, conforme Barbero (2006), de reforçar o potencial que essa nova configuração disponibiliza, para que as múltiplas leituras e discussões sejam refletidas em continuadas ações emancipatórias, de forma a constituir as alternativas almejadas de transformação social.

Nesse processo que constitui a busca de possibilidades de construção cidadã, em um contexto globalizado, mediante múltiplas identidades que surgem com a adesão e interferência de diferentes mídias, há de se fazer parênteses quanto à importância da hibridação na configuração a que se está inserido.

Ao sair do discurso de pureza cultural, a hibridação contribui com um novo olhar sobre a formação das identidades e culturas que se estabelecem como diversificadas mesclas interculturais. Sendo assim, mais do que o sincretismo, geralmente abordando questões religiosas, a miscigenação que se desenvolve na concepção histórica e antropológica, de “raças e etnias”² ou de fusão, termo mais direcionado a misturas musicais, a hibridação³ consiste na inter-relação multicultural, que se caracteriza por ser mais abrangente e complexa.

No entanto, diante da lógica contemporânea estabelecida por identidades múltiplas que se chocam, cruzam-se e, por fim, relacionam-se, é oportuna a refle-

xão de Canclini (2000) ante o caminho que se estaria seguindo para a hibridação e o que concretamente é relevante nessa caminhada.

Tal vez la cuestión decisiva no sea convenir cuál de esos conceptos és más abarcador y fecundo, sino cómo seguir construyendo principios teóricos y procedimientos metodológicos que nos ayuden a volver este mundo más traducible, o sea convivible em médio de sus diferencias.

Trata-se de encontrar um fio condutor que sinalize nas distintas identidades, uma lógica que sustente suas diferenças como possibilidade de inter-relação positiva, destacando-se o fato de que não existe uma cultura autossuficiente, mas que as diversas e plurais culturas podem estabelecer critérios valiosos de construção sociocultural da cidadania.

Entretanto, faz-se necessário perceber o conjunto de elementos constituintes da cultura de um determinado povo, como: “Costumes, hábitos, rituais do dia a dia, códigos e convenções sociais, [relação entre gêneros, entre raças e etnias], memória socialmente construída [...]” (HALL, 2003, p. 78). Parte-se, assim, dessa pretensão de compreender os diversos fatores que organizam e definem o modo de viver das distintas sociedades, com o propósito de realimentar perspectivas inovadoras de progressão no campo sociocultural que os caracteriza.

Sendo esse cenário, o ambiente em que povos provenientes das mais diversas localidades constituem suas identidades, estabelecidas mediante as relações culturais sustentadas no âmbito do local de origem e das influências que vão sofrendo, a partir das migrações, comportadas em uma concepção de diásporas.⁴

Sem a pretensão de resgatar o termo diásporas em todas as suas especificidades, considera-se, entretanto, sua importância no contexto global, assegurada pelo envolvimento entre as múltiplas formas culturais. Como salienta Mattelart (2004), as diásporas compreendem uma aproximação das formas e efeitos concernentes à globalização, o que permitiria aos pesquisadores ir além de análise de textos, por meio de uma abordagem empírica das relações.

A partir dessas inter-relações desencadeadas no âmbito cultural há, também, a propensão de formação e/ou transformação das identidades. Sendo de suma importância perceber o relacionamento que elas compartilham, ou seja, se é mais propenso à aproximação, onde uma estaria completando a outra, ou,

ainda, se é voltado a uma relação de confrontamento e rejeição. Isso estaria delineando uma percepção mais aguçada perante as possibilidades e dificuldades de ligação entre a cidadania e as identidades culturais.

Nessa configuração onde é retratada a criação das identidades, estão inclusas discussões que compreendem a redefinição de binaridades, como: homem/mulher, branco/negro. Sendo assim, nas implicações referidas à construção da identidade feminina, por exemplo, Cockburn fala das representações culturais a que estão estruturadas essas questões de gênero. Em parte de sua reflexão sinaliza a presença predominante de profissões e tecnologias ditas masculinas, onde: “Muchas mujeres señalaban el hecho de que las profesiones y tecnologías masculinas predominaban en la sociedad solo porque los propios hombres constituían el elemento dominante.”

Nesse processo, desencadeiam-se aspectos que asseguram a hegemonia do gênero masculino. No entanto, cabe ressaltar que essas definições de diferenças de gêneros foram historicamente desenvolvidas, o que acarretou uma visão da supremacia de um gênero sobre o outro; ainda hoje, as mulheres lutam por maior igualdade de condições.

Apesar disso, vale ressaltar o perceptível comprometimento de algumas articulações engajadas com a construção de uma convivência mais equilibrada nas relações entre homens e mulheres, como é o caso da Constituição Federal de 1988, que estabelece no Art. 5º, I – “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta constituição.”⁵ Mesmo diante da representatividade constituída, ainda são muitos os esforços e desafios para o estabelecimento de uma concreta equidade entre os sexos.

No momento em que se suscita a mudança social, pode-se discorrer a respeito das discussões culturais da relação dicotômica homem/mulher:

A cultura entra em conflito com os padrões estabelecidos da sociedade, padrões que por sinal, foram adotados e apropriadamente sustentados pela cultura no passado, mas que se revelam agora inadequados e desestimulantes para um novo avanço para o futuro. (WARNER apud WILLIAMS, 1969, p. 281).

Dessa forma, no delinear da vida contemporânea, os sujeitos dessa sociedade têm a opção de encarar tais diferenças de acordo com uma postura mais aberta, que transcorre na possibilidade de ruptura com paradigmas limitadores.

Parte-se desse princípio, com a disposição de propor mudanças significativas aos anseios a que estão ligadas as diferentes identidades culturais, no âmbito do que elas podem disponibilizar de verdadeiramente mobilizador e reativador de uma cultura que priorize o respeito à diversidade e que esteja proposta em um ideal de reafirmação de ações estabelecidas mediante um compromisso contínuo com o bem da sociedade.

Eis que o cerne da questão cultural é também envolvido em outros debates, que afligem a estrutura social e identitária. Entende-se, a partir disso, que é devido à coexistência de outros interesses de ordem econômica que “Dá demasiado crédito à motivação do lucro e fracassa na proteção dos interesses comuns [...]” (SOROS, 2001, p. 169) a conseqüente fragilidade de sustentação de uma identidade coletiva e cidadã.

Nesse sentido, vale destacar que os estudos culturais despertaram o interesse do mercado, que, por sua vez, relega em primeiro plano a conquista de novos consumidores, enquanto o papel de cidadão fica disposto em plano posterior. Ao referenciar a cultura, Mattelart (2004, p. 197, grifo do autor) já alertava que esta “[...] Não é um bem como os outros, esses novos protagonistas de vocação planetária, mas ancorados em um lugar sócio-histórico, exigem que ela seja considerada ‘bem público comum’, a exemplo da educação, do meio ambiente, da água e da saúde.”

Esse espectro contempla, também, uma visão que se mostra contrária à ideia de cultura como produto, mas que se reafirma em uma proposta cidadã da consolidação da cultura como um direito social, uma vez que é relevante a existência desses agentes de “vocação planetária” que, movidos por suas escolhas identitárias, configuram um compromisso real com a dinamização desse processo.

Nessa perspectiva, pensar em cidadania envolvendo as múltiplas identidades é também abrir-se em prol de benefícios que contemplem o todo, amparando-se em grandes ideias, como: “Liberdade, igualdade, autonomia e democracia.”⁶ (HALL, 2003, p. 77). Contudo, a partir desses ideais definidos, devem ser organizadas as práticas para a transformação destes no campo social, onde se torna fundamental compreender a lógica funcional do sistema atual, para que assim seja possível a realização de mobilizações eficientes de construção cidadã.⁷

Apropriando-se desse discurso, os dispositivos midiáticos também têm a possibilidade de um planejamento estratégico que lhes configure um caráter

transformador no campo da comunicação, com resultados para a efetivação da cidadania ou, ainda, de uma maior democratização dos meios. Diante disso, a reflexão prossegue com a finalidade de problematizar algumas questões inseridas nesse contexto.

2 PROBLEMATIZAÇÕES PERTINENTES À CONSTRUÇÃO CIDADÃ NA MÍDIA

O campo que compreende a cidadania na mídia é repleto de posicionamentos complexos que se desenvolvem a partir de suas dificuldades e potencialidades. Reajustando esse olhar, consideram-se as dificuldades na perspectiva de fatores econômicos e políticos que se articulam em um contexto midiático, que, muitas vezes, não prioriza o serviço público e sim interesses próprios.

Analisando por outro ângulo, há, também, as mídias como ferramentas potencialmente interessantes na interação com a vida pública. De acordo com Barbero (2006, p. 54):

O que a revolução tecnológica introduz em nossas sociedades não é tanto uma quantidade inusitada de novas máquinas, mas sim, um novo modo de relação entre os processos simbólicos – que constituem o cultural – e as formas de produção e distribuição dos bens e serviços [...]

Nesse momento, vale adentrar nas especificidades que contemplam uma mídia para a cidadania, tendo como fator preponderante a dinamização das informações em um aparato social. Trata-se de sair de um discurso tecnicista para entrar em um debate mais amplo de socialização das tecnologias de comunicação. “Se parte de la base de que la tecnología no es una fuente original de fuerza motriz sino algo socialmente modelado, un caso idóneo para ser sometido al tratamiento de las ciencias sociales.” (COCKBURN, 1996, p. 59).

Diante dessa constatação, que aproxima as tecnologias de comunicação das ciências sociais, como algo construído socialmente, faz-se importante não deixar de analisar a problemática que Curran, Seaton e Fernandes (2001) trazem para o debate. Nesse sentido, busca-se perceber como está sendo realizada

a administração dos meios de comunicação, ou seja, na expectativa de entender quem seriam os líderes que integram o controle das mídias e que propósitos eles teriam com a utilização de tal recurso.

Partindo-se dessa conjuntura, é defendida uma necessidade de alterações políticas urgentes nesse setor. “Tem de ser encontrada uma maneira para separar o serviço público da difusão do domínio partidário [...] que lhe permita responder mais completamente a movimentos e tendências sociais mais amplas na sociedade.” (CURRAN; SEATON; FERNANDES, 2001, p. 422).

Essas relações que permeiam o controle e coordenação das mídias por intermédio da produção e veiculação de informações, compreendem questões delicadas que se articulam por meio de poderes políticos, onde sofrem forte influência de seus administradores, o que tende a comprometer o conteúdo a ser oferecido. Por isso, também, a importância de se investir em mídias alternativas que assegurem maior liberdade de expressão, contemplando a pluralidade de opiniões. “Teremos uma democracia tão mais consolidada quanto mais freqüentes, densos e plurais forem os debates acerca dos temas de interesse público.”⁸

Para definir um exemplo que fundamente o uso da mídia como socializadora da informação e também como possibilidade de construção cidadã, apresenta-se um blog⁹ que vai ao encontro de algumas reflexões presentes neste artigo. Disponibilizado nas redes virtuais, o blog é oriundo do Fórum Social Mundial, mas encontra-se envolvido em um evento paralelo que constitui uma discussão acerca da mídia livre no mundo.

O blog afigura-se como mais uma possibilidade que as redes¹⁰ societárias virtuais disponibilizam para, assim, facilitar a comunicação dos sujeitos envolvidos. Esses, entretanto, podem ter acesso às informações e atividades concernentes ao Fórum antes que este aconteça. Dinamizando, por essa via, a contribuição daqueles que tem o objetivo de discutir a situação da mídia como ferramenta aberta a novas articulações e que impliquem uma comunicação mais democrática, ampliando, também, as possibilidades de cidadania mediante a livre manifestação de seus agentes.

De acordo com essa perspectiva, foi criado em abril de 2008 um Manifesto da Mídia Livre, que teve a contribuição de jornalistas, acadêmicos e ativistas

pela democratização da comunicação. Perpassa por essa ideia, a necessidade de garantir a participação das demandas populares à comunicação, onde estas possam ser informadas e também tornar públicas informações que lhes são pertinentes, isto é, que de alguma maneira faça parte do contexto em que vivem. Seguem algumas propostas defendidas pelo Manifesto Mídia Livre:

- Criar um amplo e diversificado sistema público de comunicação [...] produzido pelo público, para o público, com o público. Tal sistema deve oferecer à sociedade notícias e programação cultural para além da lógica do mercado.
- A inclusão digital seja tratada com a prioridade que merece e que o investimento nela possibilite o acesso a canais em banda larga a toda a população [...]
- As verbas de publicidade e propaganda sejam distribuídas levando em consideração toda a ampla gama de veículos de informação e a diversidade de sua natureza; que os critérios de distribuição sejam mais amplos, públicos e justos, para além da lógica do mercado [...]
- A revisão do processo de renovação de concessões públicas de rádio e TVs, já que nos moldes atuais ele não passa por nenhum controle democrático, o que possibilita pressões e negociações distantes dos ideais republicanos, levando à formação de verdadeiras capitânicas hereditárias na área.¹¹

Observando essa linha reflexiva, há um dos temas norteadores do projeto A Reinvenção da Emancipação Social, coordenado por Boaventura de Souza Santos, o qual dinamiza uma relação mais próxima entre a democracia participativa como alternativa a modelos hegemônicos da sociedade atual, ou seja, mobiliza-se em prol de uma globalização que esteja suficientemente envolvida e delineada para enfrentar os desafios que emergem de uma cultura política transnacional.

Tratando-se de forma mais específica aos desafios apontados pelas problemáticas da comunicação no panorama atual, é possível perceber que há a consistência de uma hegemonia econômica, onde a forma de controle adotada pelos meios é ditada por uma lógica do mercado, como consta no Manifesto da Mídia Livre. Nesse sentido, é preciso ir além, em busca de soluções para modelos que limitam as possibilidades de interação social.

No entanto, apesar de considerar as dificuldades existentes nas políticas de utilização dos meios, é interessante notar que em espaços públicos, como é o caso das redes virtuais já mencionadas, manifesta-se a participação de diversas identidades culturais, que se articulam em favor de melhorias no meio em que vivem; caracteriza-se, também, o fenômeno do reconhecimento

e sentimento de pertença que esses mesmos indivíduos possuem do círculo social a que estão envolvidos.

Aliás, despertar nos cidadãos essa preocupação e sensibilização quanto aos problemas sociais, ressaltando a importância de atuação de cada pessoa nesse processo, consiste ainda um desafio diante de um comprometimento maior com a vida pública. Para que haja uma ruptura com essa situação desafiadora, Cortina (2005, p. 20-21, grifo do autor) entende que:

A sociedade deve organizar-se de modo a conseguir gerar em cada um de seus membros o sentimento de que pertence a ela, de que essa sociedade se preocupa com ele e, em consequência, a convicção de que vale a pena trabalhar para mantê-la e melhorá-la. Reconhecimento da sociedade por seus membros e consequente adesão por parte destes aos projetos comuns são duas faces da mesma moeda, que ao menos como pretensão, compõem esse conceito de cidadania que constitui a razão de ser da civilidade.

Nesse panorama, é perceptível que o reconhecimento, mais do que ser um elemento que define o termo cidadania, posiciona-se, também, como um dos valores que a legitima.

Os dispositivos midiáticos, por sua vez, devem conferir a possibilidade de instaurar novas alternativas no que se refere a produções menos centralizadas, dentro do que um espaço de comunicação democrática pode oferecer.

Essas mobilizações e tensões articuladas pelas diversas mídias, em especial as mídias alternativas, estariam também suscitando a saída da democracia de um palco representativo para um estado de ação global, onde todos possam ter a oportunidade de contribuir. Isso envolveria, de forma mais efetiva, o princípio da redistribuição, concernente a uma proposta política de desenvolvimento menos desigual, estabelecida em um contexto onde a “Globalização contra-hegemônica está tão envolvida numa política da igualdade (redistribuição) como numa política da diferença (reconhecimento).” (SANTOS, 2006, p. 184).

Diante disso, é oportuno refletir sobre as questões que se acercam do atual modelo de desenvolvimento econômico que se instaura nos dias atuais, alinhado ao panorama em que se vive, onde: “[...] a competitividade a todos os níveis, inerentes à economia de mercado, estimulam e mesmo exacerbam a iniciativa individual e com esta a inventividade pessoal.” (FURTADO, 1983, p. 204). Essa

concepção, em outras palavras, é inerente a um sistema capitalista que prioriza a produtividade e não a criatividade¹² e o autotransformar-se. Nietzsche apontaria ainda uma crítica, onde “As forças que em nossa civilização engendram a difusão da racionalidade conduzem concomitantemente à destruição da capacidade criadora do homem, à sua desumanização.” (FURTADO, 1983, p. 203).

Visando a estabelecer um elo nesse momento com a questão da disciplina, como a propulsora dessa desumanização, ou ainda, inconsistência de humanidade, torna-se relevante dar continuidade reflexiva. Sendo assim, Foucault (1983, p. 126) entende que a partir dessa lógica disciplinar “O corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações.” Dentro dessas especificidades, que definem a humanidade como “corpos dóceis” ao bel-prazer de poderes hegemônicos, poder-se-ia questionar: Até que ponto se pode encarar a disciplina apenas em seu caráter regulador e de vigilância, como o autor francês Foucault questiona? Estar-se-ia preparado para fazer uso do caráter útil da disciplina como norte para a organização de ideais de força emancipatória?

Essas são problematizações pertinentes que fazem o indivíduo ir além e procurar rupturas com tudo àquilo que contribui à subalternidade. Deve-se não mais encarar os processos disciplinares como resistência à cidadania, mas fazer destes um conjunto de elementos que possam delinear alternativas para o desenvolvimento de projetos, que possam repercutir em um compromisso com o bem comum.¹³

Lança-se, nessa perspectiva, a estruturação e reconstrução de ideias de grupos diversos que contemplem objetivos em comum de construção cidadã. Eis também, a questão das identificações que permeiam esse campo multicultural que, como já foi assegurado, “Consiste em um conjunto variado de fenômenos sociais, que derivam da difícil convivência e/ou coexistência em um mesmo espaço social de pessoas que se identificam com culturas diferentes.” (CORTINA, 2005, p. 140 apud ESPINOSA, 1995, p. 14-18).

Da mesma forma que são múltiplas as identidades culturais, no âmbito de suas convergências e divergências, também são múltiplas as possibilidades e desafios. Enquanto houver disparidades de um “sistema capitalista global”¹⁴ que se desenvolve no contexto binário centro/periferia, em um fluxo que lida com extremos, onde se concentram profundas desigualdades sociais, estar-se-á alheio

às leis que engendram o mercado. Já apontava Marx (1977, p. 236): “O capital é a força econômica da sociedade burguesa que tudo domina.”

No entanto, esses posicionamentos frente ao sistema vigente, não estariam alertando para a mudança e criação de novos modelos? Não seria o sistema em que se está inserido o propulsor de dificuldades a uma cidadania efetiva? Para Furtado (2002, p. 33), “Temos o dever de nos interrogar sobre as raízes dos problemas que afligem o povo e repudiar posições doutrinárias fundadas num reducionismo econômico.”

3 CONCLUSÃO

No decorrer do texto, pode-se identificar que as mídias são amplamente reguladas ou sofrem interferência de poderes políticos, econômicos e das relações culturais que as contextualizam. Em conformidade com essa questão encontra-se, também, a responsabilidade da mídia como articuladora de informações e fomentadora de cidadania.

Trata-se de perpassar pelas relações e buscar por meio da compreensão destas, forças emancipatórias que contemplem a construção dos preceitos que asseguram uma cidadania que saia do palco representativo, ou seja, que estimule mobilizações em favor de um campo mais participativo.

Diante dessas considerações, fica evidente a importância das mídias no contexto das múltiplas identidades. Encontra-se, nessa dinâmica, um fluxo acentuado de disparidades, mas também de complementaridades. Em decorrência disso, cabe aos indivíduos inerentes ao sistema econômico-político atual, estabelecer estratégias que constituam, da forma mais equilibrada, um desenvolvimento acessível a todos, em uma inter-relação possível entre mídias, identidades culturais e cidadania.

Notas explicativas

¹ Atores é utilizado no sentido de aproximar-se à ideia de Touraine (1994, p. 220 apud WARREN, 1999, p. 80), ou seja, “Como agente de uma obra coletiva [...] A ideia de ator social não é separável da ideia de sujeito.”

² Stuart Hall define conceitualmente raça e etnicidade por intermédio de suas experiências. Onde, a

categoria “raça” não é científica e sim uma construção política e social. “É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo.” (2003, p. 69). A “etnicidade”, por sua vez, geraria um discurso, em que a diferença se funda nas características culturais e religiosas.

³ Ver mais em: Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade (CANCLINI, 1998).

⁴ De acordo com Mattelart (2004, p. 188), os trabalhos sobre diásporas multiplicam-se a partir dos anos 1990.

⁵ Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/conleg/artigos/especiais/AligualdadeEntreosSexos.pdf>>.

⁶ Muitas dessas chamadas grandes ideias foram aperfeiçoadas na tradição liberal.

⁷ “Esse vazio entre ideal e prática, entre igualdade formal e igualdade concreta, entre liberdade negativa e positiva, tem assombrado a concepção liberal de cidadania desde o início.” (HALL, 2003, p. 77).

⁸ Disponível em: <http://www.andi.org.br/_pdfs/midia_ppc.pdf>.

⁹ Blog Fórum de Mídia Livre: <<http://forumdemidialivre.blogspot.com>>.

¹⁰ “As redes caracterizam-se pela busca de articulações mais horizontalizadas, evitando o centralismo e a burocratização organizacional. Envolvem a participação de atores múltiplos (de movimentos, ONGs, cidadãos informais), para a realização de metas e projetos comuns, que se constroem diante de conflitos ou de uma ação solidária. [...] Para tanto, os novos recursos da informática (redes eletrônicas, bancos de dados, etc.), somam-se como pregadores de resultados.” (WARREN, 1999, p. 62).

¹¹ Disponível em: <<http://fml.wikispaces.com/manifesto>>.

¹² Criatividade aqui ganha outra concepção, onde o ser humano estaria estabelecendo rupturas com sistemas, paradigmas, dogmas impregnados na sociedade e que impedem a própria liberdade. Ligam-se em Nietzsche as ideias de liberdade e criatividade.

¹³ “Este ‘bem comum’, segundo Schumpeter (apud LAZARFELD, 1969), consistia em algo indecifrável, ‘aprovado’ pela vontade comum ou vontade geral e correspondia, grosso modo, ‘ao interesse, bem-estar ou felicidade comuns’, tal como foi enunciado séculos antes pelo próprio Rousseau.” (AGÊNCIA DE NOTÍCIA DOS DIREITOS DA INFÂNCIA, 2009).

¹⁴ Denominação obtida nas reflexões de George Soros.

Inter-relationships between cultural identities and media in the construction of citizenship

Abstract

This article is concerned to be relativized in some thoughts that cover the study for the appropriate use of media as a proposal to effect the much-acclaimed citizenship, which often takes only one representative stage. To make this possible, this process will be linking the various cultural identities, as a triggering factor of articulation, with great importance in the contemporary setting. In addition, seeks to discuss political and economic contexts in which the socialization of information media is streamlined and new options for democratization of communication.

From this perspective, it seeks through the inter-relationships described, opposing elements that support the construction of citizenship, with other elements that hinder their development.

Keywords: Citizenship. Globalization. Cultural identities. Media. Subjects.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA. **Mídias e políticas públicas de comunicação**. Disponível em: <http://www.andi.org.br/_pdfs/midia_ppc.pdf> Acesso em: 20 jun. 2009.

BARBERO, Jesus Martín. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis de (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

CANCLINI, Nestor García. Culturas Híbridas, poderes oblíquos. In: CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. **Noticias recientes sobre la hibridación**. Disponível em: <www.cholonautas.edu.pe>. Acesso em: 20 jun. 2009.

COCKBURN, Cynthia. El circuito de la tecnología. Género, identidad y poder. In: SILVERSTONE, R.; HIRSCH, E. (Ed.). **Los efectos de la nueva comunicación: el consumo de la moderna tecnología en el hogar y en la familia**, 1996.

CORTINA, Adela. Para uma teoria da cidadania; Cidadania intercultural. Miséria do etnocentrismo. In: CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania**. São Paulo: Loyola, 2005.

CURRAN, James; SEATON, Jean; FERNANDES, Maria Lourdes. Vídeo, cabo e satélite; Ser ou não ser a BBC: a difusão nos anos 1980 e 1990; A reforma dos media. In: CURRAN, James; SEATON, Jean. **Imprensa, rádio e televisão: poder sem responsabilidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

FOUCAULT, Michel. Disciplina. In: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

FURTADO, Celso. Da economia para a filosofia. In: FURTADO, Celso. **Economia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. Que futuro nos aguarda? In: FURTADO, Celso. **Em busca de novo modelo: reflexões sobre a crise contemporânea**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HALL, Stuart. A questão multicultural; Quando foi o pós-colonial. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Unesco, 2003.

MACIEL, Eliane Cruxên Barros de Almeida. **A igualdade entre os sexos na Constituição de 1988**. Brasília, DF, maio 1997. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/conleg/artigos/especiais/AIgualdadeEntreosSexos.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2009.

MARX, Karl. O método na economia política. In: MARX, Karl. **Contribuição a crítica da economia política**. 5. ed. Lisboa: Estampa, 1977.

MATTELART, Armand. Condições de renovação. In: MATTELART, Armand. E. Neveu. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. Nuestra América: reinventar um paradigma subalterno de reconhecimento e redistribuição; Entre próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade. In: SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. Porto: Edições Afrontamento, 2006. v. 4.

SOROS, George. O sistema capitalista global. In: SOROS, George. **A crise do capitalismo global**: os perigos da sociedade globalizada – uma visão crítica do mercado financeiro internacional. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

WARREN, Ilse Scherer. **Cidadania sem fronteiras**: ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1969.

Recebido em 1 de agosto de 2009
Aceito em 17 de setembro de 2009